Dia 29 — São Narciso, Bispo

Martirológio Romano

Os santos mártires Jacinto, Quinto, Feliciano e Luciano, na Basilicata (província da Lucânia).

São Zenóbio, presbítero, em Sídon, na Fenícia, o qual no furor da última perseguição, exortando os demais a padecer o martírio, se fez também digno da coroa de mártir.

Os santos bispos Maximiliano, mártir, e Valentim, confessor, no mesmo dia.

Santa Eusébia, virgem e mártir, em Bérgamo.

A ditosa morte de São Narciso, bispo, esclarecido por sua santidade, por sua paciência e sua fé, em Jerusalém; o qual, de cento e dezesseis anos de idade, dormiu no Senhor. (Veja-se sua história hoje.)

São João, bispo e confessor, em Autun.

São Donato, em Cássiope, na ilha de Corfu, de quem escreve São Gregório papa (em seu livro de Epístolas; e conta, falando de suas relíquias, alguns milagres obrados por sua intercessão).

A preciosa morte de São Teodoro, abade, em Viena da França. (Depois de haver-se exercitado por muitos anos na observância da vida religiosa, mandou edificar um mosteiro e nele estabeleceu a prática já bastante admitida de que o religioso que desempenhasse as funções de hebdomadário permanecesse durante seu ofício encerrado numa pequena cela, orando de contínuo para apresentar-se com mais pureza e fervor a celebrar os sagrados mistérios. E ele teve este encargo muitos anos. O dom de milagres o fez célebre em sua pátria, onde morreu no ano de 373.)

Nota. Hoje a santa Igreja de Girona celebra a festa principal de seu glorioso patrono São Narciso, bispo e mártir, a qual se guarda neste dia conforme o determinou o Concílio Tarraconense. Segundo o Martirológio Romano, lê-se a história deste São Narciso entre as do dia 18 de março.

São Narciso, Bispo

Foi São Narciso um dos prelados mais santos do século II e veio ao mundo para os fins do I. Naqueles ditosos tempos, tão chegados ao nascimento da Igreja, os sucessores dos primeiros fiéis

quase todos herdaram a inocência, o zelo e o fervor dos que o mesmo Salvador do mundo havia formado ou haviam sido instruídos e ensinados por seus sagrados Apóstolos. É provável que São Narciso foi natural de Jerusalém, que foi educado no primitivo espírito da religião cristã, que reinava naquela capital da Judeia, teatro de nossa ditosa redenção. Ignoram-se os sucessos dos primeiros anos de sua vida; só se sabe que se aplicou com desvelo ao estudo das ciências, particularmente ao da Religião, em que saiu muito excelente. Correspondiam à excelência de seu engenho a retidão e a pureza de seu coração; pelo que fez maiores progressos na santidade que na inteligência da sagrada Escritura. Sendo ainda mais santo que sábio, todavia esta mesma sabedoria contribuiu muito a purificar seus costumes. Entrou no clero no tempo do patriarca Valente, ou ao menos no do bispo Dulciano, e em breve tempo foi modelo de santos eclesiásticos. Elevado ao sacerdócio, a despeito de sua humilde resistência, a nova dignidade acrescentou novo lustre a sua inocência e a sua virtude. Chamavam-no o sacerdote santo e poucos fiéis deixaram de experimentar os efeitos de sua virtude e de seu zelo; mas sobretudo nenhum pobre deixou de publicar os de sua ardente caridade.

Logrando Narciso esta geral estimação dos fiéis e do clero, vagou a sé patriarcal de Jerusalém por morte do patriarca Dulciano. Houve pouco que deliberar na eleição de seu sucessor: foi Narciso eleito patriarca de Jerusalém por todos os votos. Não houve mais oposição que a sua; mas não se podia deferir a ela sendo o sujeito tão digno e a vontade de Deus tão declarada. Foi-lhe preciso render-se aos sufrágios e clamores de todos os bons; e tendo sido consagrado pelo ano de 180, foi o trigésimo bispo daquela santa cidade depois dos Apóstolos.

Com a nova dignidade sentiu-se animado de novo fervor e de novo zelo; tanto que, contando já à sazão oitenta anos, governou o rebanho com o mesmo vigor e com a mesma atividade que o poderia fazer na mais robusta e mais florida juventude. Por sua solicitude pastoral devorou facilmente todos os trabalhos da mitra; e sua penitente vida só era austera para ele mesmo. Estava em contínua ação, pregando, instruindo ou visitando seu bispado, atento sempre a desviar os lobos que com pele de ovelhas se arrimavam ao redil, cobertos com todos os artifícios dos hereges, para encarniçar-se no rebanho. Infatigável nas funções de seu ministério, consolava a uns, alentava a outros e fazia-se tudo a todos por ganhá-los para Cristo. Pelo ano de 195 assistiu e presidiu o concílio que se convocou na Palestina para decidir o ponto sobre o dia em que se devia celebrar a Páscoa; controvérsia que à sazão tinha tão encontrados os ânimos como divididos os pareceres. Os Padres do concílio compuseram uma epístola sinodal importantíssima e oportuníssima (a juízo de São Jerônimo) para confundir os que não se queriam render à decisão do papa Vítor, obstinando-se em que a Páscoa se devia celebrar, como o faziam os judeus, no dia 14 da lua de março, contra o que havia definido a Santa Sé. Tem-se por certo que este concílio se celebrou em Cesareia, metrópole à sazão de toda a Palestina. Também se assegura que nosso Santo convocou outro concílio de catorze bispos em sua igreja de Jerusalém sobre o mesmo assunto; e que em todos foi igualmente escutado e venerado como oráculo.

No século IV conservava-se todavia entre os fiéis de Jerusalém a memória de muitas maravilhas que havia obrado Deus pelos méritos do santo Bispo, um dos mais célebres patriarcas daquela santa cidade. Entre outras é muito particular a que refere Eusébio. Uma véspera de Páscoa faltou o azeite das lâmpadas ao mesmo tempo que os ministros da igreja iam celebrar a solenidade da vigília. Movido São Narciso da turbação e da confusão que causava no povo aquele descuido,

mandou aos que cuidavam das lâmpadas que tirassem água de um poço que estava à mão e lha trouxessem. Animado daquela viva fé e daquela inteira confiança que em parte caracteriza todos os Santos, fez oração e mandou a todos os ministros que enchessem com ela as lâmpadas. Obedeceram e no mesmo ponto, por um milagroso efeito do poder divino, aquela água se achou convertida em azeite. Todos a porfia acudiram a prover-se do azeite milagroso, o qual se conservou muito tempo em memória de tão novo e tão particular prodígio, assegurando Eusébio que ainda se conservava alguma porção dele em seus dias; isto é, mais de cento e quarenta anos depois de São Narciso.

Ainda que era tão notória e tão brilhante a virtude de nosso Santo, querendo o Senhor purificá-la com o fogo da perseguição, permitiu que não estivesse a coberto da mais feia calúnia. Três homens malvados, não podendo sofrer o resplendor de tão eminente santidade nem muito menos as salutares repreensões de seu zeloso Pastor por sua escandalosa vida, considerando por outra parte como um jugo insuportável seu vigor episcopal e o regrado teor daquela conduta irrepreensível, acusaram-no de um crime verdadeiramente atroz.

Para fazer mais crível sua acusação, confirmaram-na com um solene juramento em forma de imprecação, sendo diferente a de cada um. O primeiro disse: «Queimado morra eu se não é verdade o que digo.» O segundo: «Permita Deus que me cubra de lepra se é falsa minha acusação.» O terceiro: «Quero perder os olhos se não fosse certo o que afirmo.» Mas com todos estes juramentos a nenhum puderam persuadir que o santo Bispo fosse capaz do delito que lhe imputavam. Sem embargo, horrorizado o Santo de tão injusta acusação e perdoando de coração a seus caluniadores, pareceu-lhe que Deus lhe oferecia esta ocasião para retirar-se à quietude e à solidão por que longo tempo havia estado suspirando. Partiu, pois, secretamente; fugiu de sua igreja e foi-se enterrar vivo num espantoso deserto, onde soube ocultar-se tão bem que por espaço de oito anos não se pôde descobrir o lugar de seu retiro.

Entretanto não tardou Deus em vingar a inocência de seu servo, castigando com precipitada pena a maldade de seus caluniadores. Em breves dias viram-se cumpridas nos três perjuros as maldições que cada um havia pronunciado contra si. Prendeu-se fogo uma noite na casa do primeiro com tanta violência e com tanta rapidez que ele e toda a sua família pereceram vivos nas chamas, sem que fosse possível socorrê-los. O segundo cobriu-se de tão horrível e asquerosa lepra que não se deixou ver em público até a morte. O terceiro, à vista da desgraça dos outros dois, ficou tão espantado que confessou diante de todo o mundo a conspiração formada contra o santo Prelado, sendo tão viva sua dor e arrependimento, tão contínuas e tão copiosas suas lágrimas que ao cabo perdeu a vista. Assim vingou a divina justiça o inocente caluniado e assim castigou o sacrilégio e o perjúrio.

Tendo desaparecido São Narciso sem que por espaço de um ano se houvesse podido saber o lugar onde se havia retirado, os bispos da província foram de parecer que se devia proceder à eleição de novo pastor. Recaiu esta em Dio; mas tendo falecido poucos meses depois, foi posto Germanião em seu lugar e a Germanião sucedeu Gordio em muito breve tempo. Nestas circunstâncias deu o Senhor a entender a nosso Santo que, correndo de sua conta o cuidado pastoral de um numeroso rebanho, devia preferir os trabalhos do ministério episcopal à tranquilidade de sua própria quietude; e que, estando tão visivelmente provada, como universalmente reconhecida, sua

inocência, era obrigação precisa restituir-se a sua igreja. Custou-lhe muito este sacrifício; mas afinal foi necessário fazê-lo e deixou-se ver em Jerusalém como um homem vindo do outro mundo. Receberam-no todos os fiéis com tanto alvoroço e com tanto tropel de gente que, por mais instâncias que lhes fez para que lhe permitissem acabar seus dias no retiro e na obscuridade de uma vida privada, não o pôde conseguir nem lhe foi possível escusar-se de voltar a tomar o governo de sua igreja. Assim parece que o queria também Deus; porque mal chegou Narciso a Jerusalém quando morreu o bispo Gordio; sucesso que confirmou a nosso Santo no conceito de que esta era a vontade do Senhor. Aplicou-se, pois, segunda vez ao pastoral governo de suas ovelhas com uma vigilância, com um zelo e com um vigor que nada cheiravam a envelhecidos, trabalhando todavia alguns anos com copioso fruto. Mas afinal sua extrema ancianidade, suas fadigas apostólicas e suas excessivas penitências chegaram a debilitar e ainda a consumir todas as suas forças; de maneira que se achou impossibilitado de cumprir com as precisas obrigações do ministério episcopal; e suplicou intensamente ao Senhor que, se não era sua vontade tirá-lo todavia deste mundo, se dignasse ao menos prover-lhe de um auxiliar que pudesse suprir a debilidade de um velho de cento e doze anos. Ouviu-o Deus benignamente, inspirando a Santo Alexandre, bispo de Flaviada na Capadócia, que fosse em peregrinação visitar os Santos Lugares de Jerusalém, e uma visão que teve o confirmou neste pensamento. A mesma véspera de sua entrada na santa cidade revelou Deus a São Narciso e a muitos de seus clérigos que o dia seguinte, ao mesmo romper do dia, entraria na igreja um bispo estrangeiro, o qual havia de ser coadjutor e sucessor do patriarca Narciso. Passaram toda aquela noite em oração e ao amanhecer ouviu-se uma milagrosa voz que clara e distintamente lhes dizia que saíssem a receber o que estava destinado para bispo seu. Saíram todos e o primeiro com quem se encontraram foi com Santo Alexandre, que ficou extraordinariamente admirado e surpreendido quando viu diante de si todo o clero com o santo Patriarca à frente. Introduziram-no na igreja com solenidade; e tendo-lhe declarado São Narciso o que Deus lhes havia revelado, rogou-lhe que quisesse encarregar-se juntamente com ele do cuidado daquela igreja. Informado o povo do que se passava, acudiu de tropel a juntar seus rogos com os do clero; e como o santo bispo Alexandre viu tão descoberta a vontade do Senhor, rendeu-se a tomar o governo de todo o rebanho sob as ordens de seu santo pastor. Santo Alexandre, ilustre já por haver confessado muitas vezes a Jesus Cristo e com o tempo muito mais pelo glorioso martírio que padeceu no império de Décio, promoveu maravilhosamente o zelo de nosso Santo. Escrevendo algum tempo depois aos antinoítas do Egito, diz-lhes assim: «Saúda-vos da parte de Narciso, que governou esta igreja antes de mim e agora a governa juntamente comigo, sendo ao presente de mais de cento e dezesseis anos.»

Com efeito, já não se achava nosso Santo em estado de fazer outra coisa que orar, por sua extremada ancianidade. Sua contínua união com Deus, a ternura de sua devoção, o ardor de sua caridade e o dilatado e infatigável de seu zelo numa idade tão avançada acreditavam bem que Deus o havia deixado tão largo tempo neste mundo só porque a Igreja gozasse mais anos aquele perfeito modelo de virtudes episcopais e todos os fiéis um cabal modelo da mais elevada santidade. Quis enfim o Senhor premiar seu servo tão larga colheita de trabalhos e tão rico tesouro de merecimentos como havia adquirido em sua dilatada carreira e morreu com a morte dos justos, sendo de mais de cento e dezesseis anos, que viveu em um contínuo exercício de todas as virtudes cristãs.

Missa (oração)

A missa é em honra do Santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Narcissi, confessoris tui atque pontificis, solemnitate deferimus; et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que ouçais benignamente as súplicas que vos fazemos na solenidade de vosso bem-aventurado confessor e pontífice Narciso, para que, assim como ele vos serviu dignamente, nos livreis de nossos pecados por seus merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da de São Paulo aos Hebreus (o impresso remete a uma página anterior).

Hebreus 5,1-4

> **Latim:** [1] Omnis namque pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, et sacrificia pro peccatis : [2] qui condolere possit iis qui ignorant et errant : quoniam et ipse circumdatus est infirmitate : [3] et propterea debet, quemadmodum pro populo, ita etiam et pro semetipso offerre pro peccatis. [4] Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tamquam Aaron.

Português: [1] PORQUE todo o pontífice assumpto d'entre os homens, he constituído a favor dos homens naquellas cousas, que tocão a Deos, para que offereça dons, e sacrificios pelos pecados: [2] o qual se possa condoer d'aquelles, que ignorão, e errão: por quanto elle tambem está cercado de enfermidade. [3] E por esta causa deve, tanto pelo povo, como tambem até por si mesmo, offerecer sacrificio pelos peccados. [4] E nenhum usurpa para si esta honra, senão o que he chamado por Deos, como Arão.

Reflexões

«Para oferecer sacrifícios pelos pecadores.» O sacrifício da nova lei faz infinitos excessos em mérito e em virtude a todos os sacrifícios da lei antiga. Instituição inteiramente divina, oblação santa, vítima de infinito preço, imolação do corpo e sangue adorável do Homem-Deus, pontífice igual em tudo ao mesmo Deus; pode imaginar-se sacrifício mais divino nem mais digno de nosso culto? Tudo isto se acha junto no santo sacrifício da missa. Não só é este sacrifício o ato mais perfeito de religião; é, por excelência, a maravilha da mesma Religião: é, por dizê-lo assim, o compêndio de toda ela. Todos os sacrifícios da lei antiga, ainda que tão augustos, eram não mais que escura sombra, débil, imperfeita figura da majestade, da dignidade, da excelência do sacrifício da nova lei. É a Missa propriamente o tesouro da Igreja: é o esmero da sabedoria e da misericórdia de Deus: com que respeito se deve assistir a ela! mas com que pureza de vida! com que fé! com que fervor! com que devoção! com que modéstia! com que gravidade e majestade deve o sacerdote celebrar este adorável sacrifício! com que profunda religião se há de apresentar no altar! A Escritura diz que Salomão sacrificou ao Senhor vinte e dois mil bois, cento e vinte mil ovelhas e carneiros na solenidade da dedicação do templo. A Igreja conta mais de vinte milhões de Mártires que, tendo derramado seu sangue pela fé, foram outras tantas vítimas sacrificadas ao Deus vivo. Pois que honra não lhe tributará também o sacrifício voluntário de todas as criaturas? Com tudo isso, todos os atos de religião, e muitos outros mais perfeitos que pudessem fazer as criaturas mais nobres, são muito inferiores, não têm a menor proporção com a excelência do incruento sacrifício de Jesus Cristo na ara do altar. Mais se honra a Deus com uma só missa do que o poderiam honrar todas as obras dos Anjos e dos homens, por fervorosas, por perfeitas, por heroicas que fossem. A imaculada hóstia que se oferece no divino sacrifício é de um mérito proporcionado à majestade do mesmo Deus a quem o sacrifício se oferece. Está Deus irritado conosco? temos necessidade de novos auxílios? gememos sob o violento jugo das paixões? desfalecemos ao rigor de obstinadas e graves enfermidades? temos que render graças a Deus por novos benefícios? achamo-nos alcançados e todavia com obrigação de sacrificar à divina justiça? Pois no só sacrifício da missa encontraremos remédio a todas estas necessidades e sobradíssimo cabedal para sair de todas as nossas dívidas. É a Missa o remédio universal, a árvore da vida e da imortalidade; porque nela recebe Deus a homenagem de seu querido Filho, em quem tem suas complacências. É uma vítima que desarma sua cólera: é um sacrifício de propiciação que não pode deixar de aceitar, ao menos por parte da mesma vítima. Bom Deus, com que ânsia deveriam os fiéis assistir a ela! e quanta é a dignidade dos sacerdotes, respeitável ainda aos Anjos mesmos! mas qual deve ser sua pureza, sua fé, sua devoção!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São João (o impresso traz «xiii»).

João 12,24-26

> **Latim:** [24] Amen, amen dico vobis, nisi granum frumenti cadens in terram, mortuum fuerit, [25] ipsum solum manet : si autem mortuum fuerit, multum

> fructum affert. Qui amat animam suam, perdet eam ; et qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam. [26] Si quis mihi ministrat, me sequatur, et ubi sum ego, illic et minister meus erit. Si quis mihi ministraverit, honorificabit eum Pater meus.

Português: [24] Em verdade, em verdade vos digo, que se o grão de trigo, que cahe na terra, não morrer, [25] fica elle só: mas se elle morrer, produz muito fruto. O que ama a sua vida, perdella-ha: e o que aborrece a sua vida neste mundo, conservalla-ha para a vida eterna. [26] Se alguem me serve, siga-me: e onde eu estiver, estará alli tambem o que me serve. Se alguem me servir, meu Pai o honrará.

Meditação

Sobre a confiança que deve ter o homem em seu Deus

Primeiro ponto

Considera que a mesma razão natural e a justiça estão ditando que o homem deve pôr toda a sua confiança em Deus para lograr com segurança todas aquelas vantagens que se propõe em suas misérias e necessidades.

O mesmo Deus te convida a isto mesmo em tantos lugares da Escritura que não somente se manifesta sua pronta vontade para favorecer-te, mas ao mesmo tempo convence quão razoável e justo é colocar nele toda a tua confiança. Na suposição de viver neste mundo miserável, cercados por todas as partes de desgraças e perigos, não pode deixar o homem de eleger-se um protetor, com cujos auspícios possa serenar as angústias de sua alma e libertar-se das ciladas dos inimigos que o rodeiam. Sendo fraco e débil por si mesmo, dita a razão natural que deve buscar um asilo, um protetor e um patrono. E bem, cristão, poderiam teus desejos aspirar a maior ventura que ter em tuas necessidades e misérias um pai terno, benigno e amoroso, que tivesse a vontade de tirar-te delas e o poder necessário para verificar seus desejos? Pois Deus possui todos estes títulos e estas qualidades com vantagens infinitamente superiores ao mesmo pai que te engendrou. Deus se preza de ser pai teu; ama este título com preferência a todos os demais. Ama-te com um amor eterno, tem empregado todos os tesouros de suas imensas riquezas para tua criação e conservação. Fez-te herdeiro juntamente com seu filho Jesus Cristo de todos os seus bens, vela continuamente para que ninguém ofenda um cabelo de tua cabeça e chega seu amor até reputar por ofensas suas as injúrias que se te fazem. Mas se o título de pai te infunde respeito, sabe que Deus é também teu amigo, que tem suas delícias em tratar com os filhos dos homens e que sua amizade está isenta de todas as perigosas contingências que causam a perfídia e o interesse. Todos os teus bens são bens seus, todos os teus proveitos os olha como próprios e afugentará de ti quanto possa danar-te melhor que tu mesmo.

Sendo isto assim, tendo um pai e um amigo tão fiel e tão amoroso, que necedade é a tua quando recusas pôr nele toda a tua confiança? Esperas acaso, como dizia Rabsaces (IV Reis 18), no frágil báculo de cana tirado do Egito deste mundo, báculo que, se te apoias sobre ele, se fará pedaços, traspassará tua mão e fará certa tua queda? Não te é melhor dizer com o profeta Davi (II Reis 22): «Deus é toda a minha fortaleza e esperarei nele; é meu escudo e a ala direita do exército que me custodia; é meu libertador e meu refúgio; é meu Salvador e não tenho dúvida de que me livrará por seu infinito poder de todos os artifícios que arme contra mim a iniquidade?» Não podes negar que nisto consiste tua saúde, e uma saúde verdadeira, como o comprova a história de todos os justos. Elege, pois, este pai e este amigo e desafia todas as potestades do inferno, que bem podes estar seguro de que com a proteção de Deus alcançarás de todas elas uma gloriosa vitória.

Segundo ponto

Considera que confiando em Deus nunca podem sair-te fracassadas tuas esperanças, mas necessariamente hão de ver-se cumpridos todos os teus desejos.

O Senhor recebe muita glória de que o homem o tenha por seu protetor e que o busque e confie nele quando se vê oprimido dos trabalhos. Esta ação a reputa por um sinal do amor que lhe temos e do grande conceito que temos formado de sua bondade e de seu poder. É um gênero de culto com o qual testificamos seu supremo domínio, o confessamos por nosso Deus e lhe atribuímos todas as qualidades e títulos de que mais se glorifica. Em recompensa de nossa confiança manifesta maior interesse por nós e nos ama com todo aquele amor a que nos faz merecedores a confiança e respeito com que o olhamos. Sendo isto assim, que necedade é a tua quando, rejeitando um patrocínio tão seguro, pões tua confiança nas coisas terrenas e perecedouras? Não te tem acreditado a experiência que os homens são infelizes em suas promessas e débeis e fracos ainda quando queiram cumpri-las? Não vês continuamente como o interesse desnatura os pais para abandonar seus filhos e arma a estes de rancor e de ira contra seus mesmos pais? Encontraste alguma vez naquele que mais se preza de teu amigo outro alívio em tuas necessidades que umas palavras estéreis que desvanece o vento? Não advertiste com quanta indiferença olharam o desamparo da viúva, as lágrimas do órfão e os suspiros do desvalido? O coração do homem é igualmente duro e insaciável. A avareza fecha a porta a todos os sentimentos de humanidade e, tratando-se de desprender-se das riquezas, nem os clamores do miserável têm força em seus ouvidos nem as lágrimas do atribulado conseguem outra coisa que desprezo e abandono. A avareza desnatura o homem e de certa maneira o priva de seu ser.

E em vista destas considerações andarás todavia vago e errante, pondo tua confiança nos homens, crendo que eles são capazes de alargar-te uma mão piedosa para tirar-te de teus trabalhos? Abre os olhos, cristão, conhece a cegueira em que até agora tens vivido e dá entrada em teu coração a umas ideias que te apresentem as coisas do mundo com toda a falsidade e miséria que em si contêm. Aprende a formar um verdadeiro conceito das coisas e a não dar erradamente o nome de bem ao que é um verdadeiro mal. Os trabalhos, as perseguições, as enfermidades, a pobreza têm um aspecto muito horroroso para os olhos dos mundanos: têm além disso um ar contagioso que se lhes figura que lhes há de pegar toda a sua desdita. Portanto fogem do miserável e não se

contentam com negar-lhe seus auxílios, mas, para afastar-se de si, costumam talvez valer-se de desprezos e baldões. Mil vezes te tem acreditado a experiência todas estas verdades. Sejas quem fores, não podes jactar-te de haver sido sempre tão venturoso que não tenhas padecido alguma desgraça neste mundo. Traze à memória a conduta que tiveram então contigo os que se prezavam de amigos na prosperidade. Lembra-te da indiferença e severidade que manifestaram em seus rostos, dos olhares desdenhosos com que mal se deram por entendidos de tua desgraça e daquela fera crueldade com que fecharam suas entranhas à demonstração mais ligeira de compaixão e de beneficência. Os homens sempre serão os mesmos e por conseguinte a confiança que coloques neles é falsa e de nenhum proveito. Volta, pois, os olhos a teu Deus e conhece que, assim como é imutável em sua essência e em todos os seus atributos, assim também o é em ser teu pai, teu amigo, teu protetor e o objeto único em que podes colocar toda a tua confiança, de modo que não esteja exposta aos vaivéns da inconstante fortuna.

Jaculatórias

Senhor Deus meu, em ti pus sempre minha confiança; livrai-me de todos aqueles que me perseguem. (Sl 7.) Quanto intente contra mim a malícia dos homens não será capaz de fazer-me temer, porque toda a minha esperança a tenho posta em meu Deus. (Sl 55.)

Propósitos

1. O fruto que deves tirar das considerações deste dia é uma inteira confiança na providência de Deus, conhecendo que este não pode faltar em suas promessas e que, pelo contrário, todos os males e todas as desgraças hão de ter um fim certo; e se se levam com paciência, um consolo superabundante. Por mais trabalhos que te cerquem, por mais perseguições que padeças, por atribulado que chegues a estar, com dificuldade chegarão teus males ao ponto a que chegavam os de São Paulo quando escrevia aos coríntios (Epist. II, cap. 1) estas notáveis palavras: «Não quero, irmãos meus, ocultar-vos a tribulação que padeci na Ásia, na qual fui oprimido até o sumo sobre todas as minhas forças, em tanto grau que me causava pesar e tédio minha mesma vida. Mas cheguei a padecer estas angústias de morte para conhecer que não devemos fiar-nos de nós mesmos, mas de Deus, que ressuscita os mortos, o qual me tirou de tantos perigos e em quem espero que me tirará de outros no sucessivo.» Estas palavras de São Paulo servem a um mesmo tempo para nosso consolo e para nossa instrução. Servem para nosso consolo, porque, vendo um Apóstolo tão santo e tão amado de Deus padecer tão amargas tribulações que, em meio de sua conformidade e de sua paciência, chegou a dizer que lhe era odiosa a vida, quem será aquele que pretenda viver isento de tribulações e que deixe de reconhecer que Deus as permite em seus amigos para ter a complacência de vê-los pelejar e o gosto de socorrê-los quando se acham no último apuro? Não tem havido bem-aventurado que não haja padecido tais angústias e misérias nesta vida que necessitasse de todos os confortativos da Graça para ser sofridas. Os Apóstolos padeceram trabalhos de tal variedade e gravidade que seria prolixo o haver de referi-los. A mesma Mãe de Deus viu-se pobre, abandonada de seu esposo, sem a comodidade necessária para

albergar o Filho de Deus e precisada a um desterro entre gentes idólatras; seria demasiada presunção o que tu pretendesses para ti melhor sorte que a que Deus destinou para seus Apóstolos e para sua Mãe. Servem-nos também as palavras de São Paulo de instrução, porque por elas conhecemos que somente em Deus se pode encontrar uma confiança segura quando instam os males e os perigos. Por elas somos ensinados quanto erram os que confiam nos bens falíveis deste mundo, porque nem a riqueza pode livrar de uma enfermidade o poderoso, nem a idade robusta o jovem, nem a autoridade o magistrado, nem ao sábio sua sabedoria, nem ainda aos príncipes soberanos todo o esplendor e grandeza de seu cetro e sua coroa. Tudo isto prova que o Senhor é bom para os que esperam nele, como diz Jeremias, e que vai errado e lança sobre si a maldição, como diz o mesmo (cap. 17), o homem que confia em outro homem, fazendo que a carne seja seu escudo e apartando do Senhor seu coração.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:08 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:08 by Admin